
Os hespanhóes

No salto do Avandava no seculo XVI

Entre os escriptores que, no seculo passado ou no começo deste seculo, trataram do Rio da Prata, o mais celebre, o mais sympathico é, sem duvida, D. Felix de Azara. Dos trinta e cinco annos de idade aos cinquenta e cinco, durante vinte longos annos, aquelle fidalgo hespanhol, que em 1781 viera ter á America do Sul na qualidade de um dos commissarios encarregados da delimitação territorial entre os dominios hespanhóes e portuguezes, percorreu e estudou com zelo a região do globo, á qual consagrou toda a sua actividade e todas as forças da sua intelligencia.

«O nome de Azara, diz o general Mitre, vinculado perpetuamente ao do Rio da Prata, é uma gloria universal, mas o é principalmente das regiões ás quaes consagrou vinte annos de trabalhos e de meditações, inspirado pelo amor da sciencia, pelo culto da verdade, pelo interesse que lhe inspirava a condição futura daquellas regiões».

E tudo isto fazia espontaneamente, sem estimulo, sem auxilio e affrontando até hostilidades que cons-

piravam contra os seus trabalhos, custeando com a sua fazenda as suas expedições, a organização das suas collecções, obtendo noticias que registrava para uso futuro de uma posteridade longinqua e que, graças a Azara, possui hoje um thesouro que é a parte mais solida dos nossos conhecimentos historicos, debaixo do seu duplo aspecto physico e moral (1).

«Azara» diz o notavel Martin de Moussy, «foi o primeiro homem que seriamente tratou da historia physica do Rio da Prata, e os resultados das suas viagens, publicados em Paris em 1804, foram uma verdadeira revelação sobre estas regiões».

«Elle escreveu a sua zoologia quasi completa, e as suas observações sobre as tribus indigenas foram as mais exactas até então publicadas. A historia natural, a economia politica e social, tudo foi tratado por elle e o seu livro foi, no fim do seculo XVIII, o repertorio mais minucioso, mais instructivo e mais pratico da America do Sul» (2).

Mencionados estes juizos como a expressão do grande respeito que aos estudiosos das cousas americanas inspira o nome de Azara, podemos tratar do ponto historico que é objecto deste pequeno estudo.

Na parte posthuma da obra de Felix de Azara, que seu sobrinho D. Agustin de Azara, marquez de Nibbiano, publicou em Madrid, em 1847, sob o titulo *Description é Historia del Paraguay y del Rio de la Prata,*

(1) «Viajes Ineditos de D. Feliz de Azara». Noticia Preliminar, pag. 18. Buenos Ayres, 1873.

(2) MARTIN DE MOUSSY. «Description Geographique et Statistique de la Republique Argentine». Paris, 1860. Vol. I, pag. 33.

no vol. II, pag. 135, é que se encontra a referencia que nos levou a escrever este papel.

Em 1553, era chefe dos hespanhóes no Rio da Prata, depois e em virtude de varios successos tragicos e lamentaveis, o capitão Martines de Irala, «cabeça de Cabido e da governação do Paraguay» (1). Azara, pretendendo reproduzir a chronica e a tradição, diz :

«alguns indios da provincia do Guairá vieram solicitar a protecção de Irala contra os insultos que lhes faziam os portuguezes, captivando-os e levando-os até á costa do Brazil, onde os vendiam para escravos perpetuos, como se fossem negros d'Africa». «Aproveitou Irala a occasião offerecida pelos ditos indios para reconhecer a provincia do Guairá, da qual só havia noticias vagas, e, apromptando uma companhia de hespanhóes com alguns indios auxiliares, se encaminhou (de Assumpção) por terra, até chegar ao salto grande do Paraná, chamado, então, de Canendujú, situado a 24° 4' 27" de latitude (2). O cacique Canendujú e outros indios das margens do Paraná lhe facilitaram viveres e canôas, com que passou este rio e continuou até ao povoado do cacique Guairá, de quem tomou o nome aquella provincia. Foi bem recebido por estes indios, que o acompanharam na navegação que fez com as mesmas canôas Paraná acima, até á *embocadura* do rio Tieté ou Anhembí, que é caudaloso e corre para occidente, Subiu Irala navegando o Tieté,

(1) VICENTE FIDEL LOPEZ, «Historia de la Republica Argentina». Vol. I. Introducção, pag. 162. — Buenos Ayres, 1883.

(2) 24° 4' 38", segundo MARTIN DE MOUSSY. Ob. cit. Vol. I, pag. 94.

até que, no seu segundo salto, chamado Abanandaba, o accommetteram os indios que Rui Dias e Lozano chamam tupis e que, eu presumo, eram guaranis, como todos os anteriores. Irala os rechaçou e afugentou, apoderou-se do seu povoado, matando a muitos. Em seguida, correu o paiz e, a custa de alguns encontros, reduziu-o, em poucos dias, á sua obediencia. Dalli mandou Juan Molida á costa do Brazil, levando uma carta de que devia ser portador para a Côrte, informando-a do estado da conquista».

Azara affirma, pois, de modo positivo que os hespanhóes penetraram no territorio hoje paulista, até ao salto do Avandava, e que o seu chefe Irala ahi exerceu actos de verdadeira conquista.

Onde foi Azara, que escreveu duzentos e tantos annos depois do governo de Irala no Paraguay, buscar esta noticia que em vão se procurará nas fontes, senão contemporaneas, ao menos mais chegadas aos acontecimentos?

Parece facil responder a esta pergunta, porque Azara, elle proprio, cita os nomes dos seus auctores, isto é, Ruy Diaz de Gusman e o Padre Pedro Lozano, da Companhia de Jesus, e, o que é mais, diz que esta informação se acha no liv. II, capitulo 13, da obra de Ruy Diaz e no livro III, capitulo 1, da obra de Lozano.

A obra de Lozano, ou antes dentre muitos escriptos deste notabilissimo chronista, aquella a que se refere Azara é a *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman* (1), então manuscrita e

(1) Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman, escrita por el P. Pedro Lozano de la Compañia de Jesus, ilustrada con noticias del autor y con notas y su-

que só em 1873—75 foi publicada em Buenos-Ayres pelo sr. Andres Lamas.

Ora, vejamos o que diz o padre Lozano, no terceiro vol., pag. 9, da edição Andres Lamas :

«... ciertos caciques principales de la provincia del Guayrá vinieron a supplicar al generale Irala les socoriesse contra las invasiones continuas com que eram molestados de los tupies que cometiam irremediabiles daños de robos y muertes en sus tierras, favorecidos de los portuguezes de la costa de Brazil, culplices en aquellas maldades por el interes de llevar cautivos para las labores de sus haciendas».

«Alegaban por motivo para mover nuestras armas en su defensa, la obligacion que habiamos contraido por el mismo caso que se habian sujeitado al dominio español y puesto debajo de su proteccion».

«Conoció Irala la justicia que les asistía i, no queriendo fiar de otro la empresa, salió personalmente a la faccion com escolta suficiente de españoles I buen numero de indios amigos».

«Atravesó hasta el rio Paraná por muchos pueblos de guaranies, que le recibieron con aplauso como á libertador de su nacion, á cuya defensa miraba aquella jornada. Entró en el pueblo del celebre cacique Guayrá, de quien tomó nombre toda la provincia y despues de los regocijos publicos con que festejaron la venida de los españoles, en concurso de los caciques comarcanos

plementos por Andres Lamas. — Buenos-Ayres. Casa Editora «Imprensa Popular», 1873—1875. —O sr. Lamas imprimiu-a na série «Bibliotheca del Río de la Plata» que só publicou esta obra.

todos les fueron acompañando con sus vasallos, los que formaron bien numeroso ejército».

«Navegó todo el por el río hasta la boca del río Añembi, por donde descubrieron á los pueblos de los tupies. Tomaron estes prontamente las armas y convocando su nacion hicieron porfiada resistencia; disputaron con grande valor un paso peligroso de aquel río que llaman el *Salto del Añembi* y, favorecidos del terreno, traian em continua operación nuestras armas, peleando con obstinación asi por agua como por tierra».

Assim, Lozano, uma das fontes citadas por Azara, não fala nem em segundo salto, nem em Avandava. O padre Lozano era um verdadeiro typo de historiador comprehendido á moda dos seculos XVII e XVIII. Tudo era pretexto para o que em França se chamava na technica dos escriptores—*des morceaux*—isto é, amplificações litterarias, em cuja redacção a verdade historica passava a ser cousa muito secundaria. A titulo de curiosidade, leremos a descripção imaginosa que Lozano faz da batalha entre Irala e os tupis:

«Em mucho tiempo no se conocia ventaja, porque cebaban los tupies la batalla con gente de refresco que tenian de reten; retirabanse al parecer algun tanto al sentir el estruendo y el estrago de los arcabuces, pero volvian con nuevo impulso á cobrar al terreno perdido, moviendose con tanta velocidad á una parte y á outra, los tupies de tierra, que su ejército parecia un mar, y los del río embestian con tal teson que disimulaban mantenerse en el elemento inconstante».

«Advertió no obstante Irala que, en un costado del ejército de tierra, se veian señales de irse apuando las fuerzas del enemigo y embistiendo por alli con una tropa de arcabuceros y algunos amigos, rompieron con

tanto ardimiento, que por huir de nuestras armas ellos mismos desordenaron á los suyos, con tal confusion, que le fué facil á los españoles desbaratar a todo el ejército de tierra, quedando poblada de cádaveres la campaña; lo que advirtiéndolo con tiempo los del rio, se retiraron con más orden y menos daño, cediendo por ambas partes el campo en señal de nuestra victoria».

«Seguiose el encalce por el rio, que por tierra fuera diligencia supérflua, pues los que conserbaban la vida se habian puesto en fuga precipitada á guarecerse en los bosques cercanos sin temor de que volviessen á juntarse segun el pavor de que estaban poseidos. Diose tal caza á las canôas, que al fin fueron rendidas unas y los que iban en otra las abandonaron y se refugiaron en una selva. Por lo qual sin resistencia se pudo entrar al pueblo mayor de toda la comarca, cuyo despojo que fué considerable, se permitió a los indios amigos para alguna recompensa de sus agravios».

«Corrieron despues las demás poblaciones, llevando en nuestras armas el terror de los tupies, quienes ai fin, cuerdos con la vejacion, imploraron la clemencia de los vencedores, que conseguieron con la firme promesa de abstenerse en adelante de las antiguas hostilidades contra los guayrenos.....».

Verificado que Lozano, uma das fontes que adulterou Azara em sua citação, não fala do Salto do Avahandava, vejamos se essa menção se acha na fonte mais antiga e mais proxima da época de Irala, isto é, Ruy Diaz de Gusman, na sua *Argentina*.

Este chronista era neto de Irala por parte materna e conviveu, com certeza, com muita gente que fez parte das suas expedições. Esta auctoridade, por assim dizer, contemporanea e quasi testemunha do caso, simplifica de modo notavel a tal expedição e batalha do Avandava. Eis como elle se exprime:

«En este tiempo llegaron á la ciudad de la Assumpcion ciertos indios principales de la provincia de Guayrá á pedir al general les diese socorro contra sus enemigos Tupis, de la costa del Brazil, que, con continuas incursiones, les molestaban y hacian grandes daños, muertes y robos, con favor y ayuda de los portugueses de aquella costa: recordando la obligacion que habia, como a vasallos de S. M. de ser amparados y favorecidos. Por manera que el general, habido su acuerdo, determinó ir personalmente a aquella provincia á remediar estos agravios: y prevenido lo necesario, aprestó una buena compañía de soldados y cantidad de amigos, y caminó por tierra con su gente; y pasando por muchos pueblos de indios de aquella provincia, com mucho aplauso y amistad de toda la tierra, llegó al rio del Paraná, a un puerto que baja sobre aquel gran salto, de que he hecho mencion: donde los indios venieron a recibir al general, proveyendole de comida y de todo lo demás que habia menester. Y traidas canôas y balsas, pasó á aquella parte á un pueblo de un cacique, llamado Guayrá, de quem fué hospedado. Y convocando a los indios de la provincia, juntó mucha cantidad de ellos, y por su consejo y parecer, navegó por el Paraná arriba hasta los pueblos de los Tupis; los cuales, com mucha presteza se convocaron y tomaron las armas, valiendole a resistir por mar y por tierra con quienes tuvo una trabada pelea *en un pèligroso paso del rio* que llaman el

Salto del Ayembi; y desbaratando á los enemigos, los puso en huida, y entró en el pueblo principal de la comarca com muerte de mucha gente; y passando adelante, tuvo otros muchos reencuentros con que, dentro de pocos dias trajos á sujecion y dominio aquella gente» (1).

Assim, á medida que remontamos ás fontes de informação de Azára, vai empallidecendo a noticia da batalha do Avandava e afastando-se de nós. Azara fala no Avandava; Lozano, num salto do rio Anhembi, que podia ser o primeiro delles, isto é, para quem vinha do Paraná, o salto do Itapura, que pela sua importancia não podia passar sem menção, quando foi, pela primeira vez, visto pela expedição de Irala. O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, o illustre viajante paulista que tanto fez pela sciencia geographica no Brazil e na Africa, onde morreu, precedendo de quasi um seculo os Livingstone e os Burton,—em 1788, veiu de Villa Bella, pela derrota ordinaria dos rios, até á cidade de S. Paulo, e eis como elle descreve a passagem do Itapura:

«Com cinco horas de navegação (da fóz do Tieté) e marcha de tres leguas e um quarto, cheguei ao *grande salto* denominado Itapura. Foi varada a canôa em cinco horas por um plano de 44 palmos de altura, que tanta é a altura do salto, e de 60 braças de extensão» (2).

Ruy Dias de Gusman, que mais credito merece, reduz a pomposa batalha a um simples combate, que

(1) «Historia Argentina», de RUY DIAZ DE GUSMAN. Livro II, cap. 13, pag. 96 do Vol. I da «Collección de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata», Buenos-Ayres, 1836.

(2) Diario da Viagem pelas Capitánias do Pará, Rio Negro, Mattô-Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790.—S. Paulo, 1841, pag. 54.

colloca (note-se bem) *num passo perigoso* do rio Paraná, chamado Salto do Anhembi. Ora a designação *passo perigoso* não podia caber nem ao Itapura, nem ao Avanhandava. Na linguagem dos antigos bandeirantes e dos exploradores hespanhóes e portuguezes, chamavam-se *passo perigoso* de um rio accidentado os logares por onde era possível passar, embora com perigo, o que não acontece no Itapura, nem no Avanhandava. Os antigos roteiros distinguem bem as tres classes de cachoeiras: aquellas em que era preciso desembarcar toda a carga e varar ou arrastar as canôas por terra; aquellas em que as canôas podiam passar, mas descarregadas, sendo a carga levada por terra; e, finalmente, aquellas em que as canôas podiam passar, mas só com meia carga. Ora, a designação de *passo perigoso* de Ruy Diaz é a que póde caber á corredeira do Jupia, quatro leguas abaixo da fóz do Tieté, e, provavelmente por essa razão de proximidade, chamada então *Salto do Anhembi*. Como vimos, Ruy Diaz colloca esse salto ou corredeira no Paraná e não no proprio Tieté, como o faz Lozano. Temos uma descripção do *passo perigoso* do Jupia, devida a um paulista, o thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, João Ferreira de Oliveira Bueno, que por alli passou a 27 de setembro de 1810: «... passando pelo Jupia, que é um recife de pedras, que nasce de uma e de outra margem para a fóz do rio, ficando um pequeno boqueirão, por onde correm as aguas com immensa velocidade, fazendo muitos redomoinhos, sendo necessario passarem as canôas com cordas na pôpa e prôa, indo as pessoas que as levavam por cima das pedras, afim de não serem submergidas pelos ditos redomoinhos...» (1)

(1) «Revista do Instituto Historico Brasileiro», vol. I, pagina 185.

Demais, se tivesse Irala subido o Tieté até ao Avanhandava, não ficaria porventura memoria na lembrança dos seus companheiros, alguns dos quaes decerto Ruy Diaz alcançou vivos e com elles conversou? Aquelle grande salto, onde a massa d'agua cae da altura de 13 metros, onde as canôas têm de ser arrastadas por terra por mais de 700 metros, não podia passar despercebido e figurar apenas com um simples nome. Não é tambem acreditavel que uma viagem tão longa, viagem de ida e de volta por terras novas, pudesse correr tão placidamente, tão desprovida de incidentes, de modo a não restar delle o menor vestigio na tradição que Ruy Diaz recolheu.

E não são só Ruy Diaz e Lozano que contrariam a affirmativa ousada, ou leviana, de Azára. O padre Nicoláu del Techo (1), que escreveu no Paraguay, no seculo XVII e mais cem annos antes de Lozano, (o que o aproxima bem dos acontecimentos), incidentalmente fala da expedição de Irala, mas limita-se, narrando factos passados em Assumpção no tempo, a dizer que Irala estava ausente *in exploratione terrarum*.

Charlevoix (2), que sempre escreveu tendo á mão os documentos jesuiticos mais antigos, diz simplesmente que Irala levou os seus soldados até ao paiz dos Tapes (tupis), que se defenderam bem, mas que elle os derrotou e que os vencidos prometteram deixar em paz os guaranys.

(1) «Historia Provinciæ Paraquariæ Societatis Jesu, etc. etc. Leodii MDCLXXIII. Liv. I, Cap. XV.

(2) «Histoire du Paraguay», 1756. Vol. I, Liv. III, pagina 118.

O brigadeiro Dom Diogo de Alvear, amigo chegado a Azára (1) passa o episodio em silencio.

O deão Funes, tambem contemporaneo de Azára, na sua celebre Historia (2), diz mais ou menos o mesmo que Charlevoix: não fala no Añembi ou Tieté e, muito menos, em Avandava. Dobrizhoffer (3), tão prolixo e minucioso nos seus tres volumes, nada diz. Emfim, um poeta, o arcediogo D. Martin del Barco Centenera, um contemporaneo, que esteve no Rio da Prata e escreveu o immenso numero de versos que denominou *Argentina*, poema-historico, tambem ignorou a batalha do Avandava. E o ingenuo arcediogo, que tantos tratos dá á sua imaginação para contar as ascencias fabulosas, os feitos epicos de guaranys e tupys e as façanhas dos conquistadores, não perderia, de certo, a occasião de um canto ou, pelo menos, de algumas estrophes, que trataria de fazer sublimes.

Em vista do que temos dito, parece-nos estar demonstrado que o celebre D. Felix de Azára erra e cita em falso Ruy Díaz e Lozano, quando diz que em 1554 Irala e os seus hespanhóes subiram o Tieté e vieram bater os tupys no salto do Avandava.

A affirmativa de Azára não deve ser considerada como um erro de interpretação. Seria um erro demasiadamente grosseiro para um espirito tão atilado como o seu e que tão severo se mostra contra as fraquezas

(1) «Relacion Geographica y historica de la Provincia de Misiones». (Coleccion de Angelis, Vol. IV).

(2) «Ensayo de la Historia Civil del Paraguay, Buenos-Ayres & Tucuman». Buenos-Ayres. 1816. Vol. I, Cap. XII, pag. 145.

(3) «Historia de Abiponibus, Equestri, Bellicosaque Paraguariæ Natione», Vienna 3 Vol. 1774.

historicas de Ruy Diaz, de Lozano e do arcediogo Centenera.

A explicação é talvez outra: D. Felix de Azára não era simplesmente um sabio zoologista, um astrónomo, um geographo tambem curioso e sabedor das cousas da Historia. Era um diplomata, era um funcionario, e todos os seus escriptos se resentem de uma nobre preocupação: a defesa dos direitos da Hespanha, sua patria.

Ora, na época de Azára, pleiteavam-se os direitos de Portugal e da Hespanha sobre territorios da bacia do Paraná e do Uruguay.

Na campanha das allegações historicas, um e outro contendor procurava provar que desde tempos passados e remotos tinha penetrado longe, muito longe, para o lado do adversario.

Foi levado por esse impulso, que chamaremos diplomatico, que o geographo real D. Felix de Azára, falseando um texto de dous escriptores, não duvidou affirmar que Irala e os seus tinham vindo até ao nosso Avanhandava. Era um argumento, mas não era uma verdade. Era, porém, um argumento muito do gosto latino. Lord Salisbury, na sua discussão com Portugal sobre a Africa, dizia sempre que começava deixando de lado os argumentos archeologicos. O que o representante da força britannica chamava de argumentos archeologicos eram os argumentos do direito. Felix de Azára lembrava-se talvez de que, no primeiro mappa do Paraguay, feito pelos Jesuitas e offerecido ao Geral da Companhia, Vicente Carrafa (†646—49), mappa que vem no Atlas de Blaeu, a linha de limite entre o então chamado Paraguay e o Brasil cortava o Tieté ou Añembi, mais ou menos na altura do Avanhandava,

embora sem mencionar este nome, o que é mais uma prova de que alli não estiveram os hespanhóes.

O geographo diplomata recorria a um argumento subsidiario, na enumeração das razões da Hespanha, mas esse argumento não era só archeologico; era tambem falso, e foi inutil.

Da affirmativa de Azára, porém, podemos tirar uma lição, que servirá para não ficar sem a obrigada moralidade esta pequena anecdota historica-geographica que tendes tido a bondade de ouvir. A moralidade é que na Historia e na Sciencia, como na vida, as violencias feitas á verdade são sempre seguidas de uma mais ou menos tardia reparação. Assim: Quasi cem annos depois da morte de Azára, estamos aqui reunidos e temos estado a nos convencer de que aquelle sabio foi, pelo menos uma vez, infiel á verdade. Para a gloria de Azára seria melhor que elle não tivesse fornecido ao obscuro critico de uma pagina da sua bella obra esta occasião de ser instrumento do destino restaurador da verdade da Historia.

S. Paulo, 20—4—99.

EDUARDO PRADO.